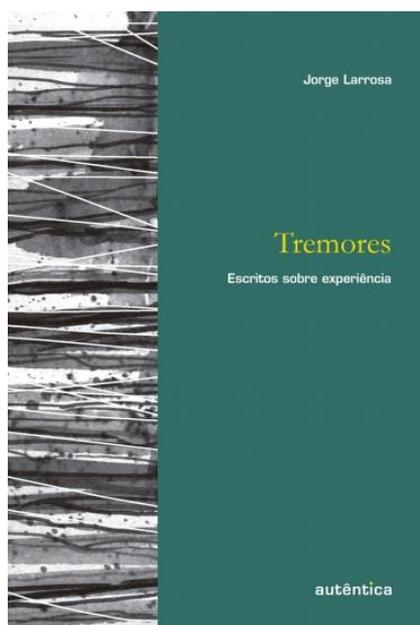


Tremer, estremecer e refletir sobre a experiência: uma conversa com ‘tremores’ de Larrosa



LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

Juliana de Favere

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Brasil
julifavere@gmail.com

Geovana Mendonça Lunardi Mendes

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Brasil
geolunardi@gmail.com

Para citar esta resenha:

FAVERE, Juliana de; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. Resenha do livro “Tremores: escritos sobre experiência”. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 416-421, set./dez. 2016.

DOI: 10.5965/1984723817352016416

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723817352016416>

“... não escrevo para convencê-los de nada (já lhes disse que a única coisa que tenho é uma pergunta) nem para lhes explicar nada (certamente não vou lhes dizer nada que não saibam), mas para ver se sou capaz de dizer algo que valha a pena pensar sobretudo para que me ajudem a dizê-lo e a pensá-lo”. (LARROSA, 2015, p. 125)

Informação. Opinião. Velocidade. Trabalho. Informação. Opinião. Velocidade, Trabalho. Informação. Opinião. Velocidade, Trabalho. Informação. Opinião. Velocidade, Trabalho. E a experiência? Em quais cantos (*musicais*) a experiência encontra o acontecimento? Em que medida é possível a experiência? No livro ‘Tremores’, Jorge Larrosa cria com as palavras, como um ‘vidente dotado de palavra’ em que pensa com palavras na medida em que dá sentido ao que somos e ao que nos acontece o sentido/experiência.

Cantarolar! Distante da ordem dos discursos e dos dispositivos escolares a experiência, para Larrosa, abre espaço, estremece, sem uma certeza, um sim ou um não, mas como um talvez, na procura de palavras, pois pertence aos fundamentos da vida.

Um colocar-se no caminho, sentir o caminho, experimentá-lo: um não-lugar. O limbo! Apenas dizer algo que valha a pena pensar.

No capítulo 1, “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, o autor ensaia sobre a experiência e sua destruição, na lógica de que, “[...] os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça” (2015, p. 22), embebidos de informação, opinião, velocidade, trabalho... Ocupação!

Quanto mais escolarização, formação e atualização, mais lida-se com o tempo como mercadoria, em que se compra sentidos e se produz trabalho. “Nós somos sujeitos ultrainformados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos” (LARROSA, 2015, p. 24).

Seguimos nos fluxos fugazes... E nada nos acontece!

No capítulo 2, “A experiência e suas linguagens”, Larrosa nos dá indícios de que o par experiência/sentido pode permitir pensar de outra maneira e produzir outros efeitos;

em que intenta-se “[...] explorar o que a palavra experiência nos permite pensar, o que a palavra experiência nos permite dizer, e o que a palavra experiência nos permite fazer no campo pedagógico” (LARROSA, 2015, p. 38).

Movimentar-se. Torna-se pertinente à experiência enquanto subjetividade, incerteza, provisoriedade, corpo, fugacidade, finitude... Vida.

A reivindicação da experiência, distante da filosofia clássica ou da ciência moderna. Sem base na razão ou em ideias claras, distintas e pura, mas a experiência como impureza, desvio, confusa, ligada a situações contextuais, vinculada ao nosso corpo, a nossas paixões, a nossos amores e a nossos ódios. Nem o êxtase, nem a apatia. Mas o pulsar!

Ao sonorizar a palavra experiência, ruídos sonoros tentam contaminar a paixão em um processo de falsificação musical da experiência. Essas contaminações, traduzidas por Larrosa em precauções são: (i) a separação da experiência do experimento, sem coisificá-la; (ii) o não dogmatismo e a pretensão de autoridade, pois a experiência depende do que cada um faz de sua própria experiência; (iii) a separação da experiência da prática; (iv) sem conceitualização, na impossibilidade da pergunta ‘o que é’, pois deriva da lógica do acontecimento, em que a palavra experiência soa vida, numa existência corporal e finita, no tempo e no espaço, com outros.

Uma palavra e não um conceito, “[...] uma coisa para você e outra coisa para mim, e uma coisa hoje e outra amanhã, e uma coisa aqui e outra ali” (LARROSA, 2015, p. 43-4), (in)definida pela sua indeterminação.

A algo a fazer? Experimentar? A subverter? Talvez. Larrosa sugere pensar a experiência de outro modo, “[...] algo que talvez aconteça agora de outra maneira, de uma maneira para a qual, talvez, ainda não temos palavras” (LARROSA, 2015, p. 44).

Um texto com palavras para dizer que não há palavras, mas que algo pode acontecer.

Seguimos nos fluxos velozes... E nada nos acontece com as palavras!

Na terceira parte, ‘Uma língua para a conversação’, há um cuidado: a distinção das

diferentes línguas que podem existir. Como dizemos? A linguagem diz quase tudo o que somos e “[...] determina a forma e a substância não só do mundo, mas também de nós mesmos, de nosso pensamento e de nossa experiência” (LARROSA, 2015, p. 58).

Além de reconhecer a existência de diferentes línguas, que não são as que eu falo, mas as formas de verdade, necessita-se o afastamento das formas de escrever e de ler, de falar e de escutar a partir de linguagens dominantes da pedagogia (técnica e crítica) que captam a vida e transbordam fórmulas, cálculos, manipulações, identificações.

Os enunciados no campo educativo dizem muito e ao mesmo tempo não dizem nada. Por um lado, dizem “nós”, classificando e incluindo cada um em cada lugar. Por outro, não dizem nada e sobre ninguém, uma linguagem que diz ao leitor ou ao ouvinte de modo abstrato ou impessoal; ‘há alguém aí?’, Larrosa questiona-se.

Línguas e linguagens que parecem neutras, despovoadas, “grandes”, que buscam produzir, legitimar e controlar certas linguagens, certas línguas, certas verdades, em que acolhe, mas também excluí.

O vazio, o impronunciável, o sufocante! A “[...] sensação de que tanto os técnicos como os críticos já disseram o que tinham que dizer e já pensaram o que tinham que pensar” (LARROSA, 2015, p. 63). Acontecer! Uma língua que nos acontece, que nos pergunte “o que fazer?” e que nada responda, ou que tenha uma resposta singular, confusa, paradoxal, que não cabe para o “todos nós”.

Seguimos nos fluxos instantâneos... E nada nos acontece!

“Ferido de realidade e de busca de realidade. Notas sobre as linguagens da experiência”, como capítulo 4, provoca-nos a pensar a experiência em educação com um não e com uma pergunta. Um “[...] não às formas que configuram ‘a ordem do discurso pedagógico’ é também um não a todas essas caras acartonadas, a todas essas vozes impostadas. [...] Então, com que cara vamos seguir adiante?” (LARROSA, 2015, p. 76). A pergunta, formulada como uma abertura, como uma janela ao sótão, para o que não sabemos e queremos nos colocar no caminho.

Nos encontros, as interrogações, os tremores, que derivam das presenças e das

palavras, numa tentativa de livrar a linguagem de sua densidade. Nos escritos de Larrosa “A língua recebida já não nos serve, nos provoca nojo, e aquela na qual talvez pudéssemos dizer alguma coisa, não a temos ainda. Porém aí estamos, nesse intervalo, e continuamos insistindo” (2015, p. 87).

Ei, “Fim da partida. Ler, escrever, conversar (e talvez pensar) em uma Faculdade de Educação”. Eis a quinta parte deste livro, que encerra, ou melhor, abre pensamentos e possibilidades. Três palavras circulantes envolvem este capítulo: universidade, filosofia, educação. Como arriscar-se contra o curso normal das coisas e das palavras? Como inventar? Por onde iniciar? A filosofia como um caminho nas instituições de Formação de professores para a construção de um nós, coletivo, para pensarmos em algo interessante à condição de professores.

Filosofia como uma atividade ligada ao pensamento, como indisciplina, um acontecimento, um talvez, que não se pode produzir, nem presumir, como “[...] uma das formas possíveis que assume essa atitude de invenção, de iniciativa e de risco que atua intempestivamente contra o curso ordinário das coisas” (LARROSA, 2015, p. 127). Apenas acontece e neste acontecimento, des-aluniza, des-professoriza e des-disciplina o pensamento e os seres da palavra.

Diferente de ser algo, de ser representação, o que o texto pode? O que as palavras podem? Podem e necessitam ser movimento, pôr-se em movimento, ser potência, ser relação. As palavras aproximam-se, distanciam-se e contradizem-se. Elas friccionam, e ao gerar fricção, criam atrito, produzem calor, energia e aí *pode* surgir a faísca e o pensamento. Porém, são faíscas, e se apagam no momento seguinte.

Na instituição escolar (básica e universitária) é preciso abrir, mediante certa violência, inventar formas de descolarizar os alunos e nós mesmos, num jogo em que outras relações com a linguagem, mundo e nós mesmos nos põem a pensar, possibilitam a vontade e combatem a preguiça e a covardia.

Criar um “interior sem móveis”, um espaço da leitura, da escrita e da conversação... Do pensamento. Do pensamento como algo que acontece no dentro, no vazio, sem móveis, sem função, sem marcas posicionais e que pressupõe a igualdade.

Um espaço entre, logo, um espaço intermediário de passagem, conectado a partir do ponto de vista dos sujeitos e das palavras. Larrosa escreve que “Trata-se de um espaço que não existe em si que se abre [...] não tem local, mas que pode acontecer em qualquer local” (2015, p. 163).

Ler. Reler. Este texto diz algo, se dirige a alguns e alguéns, não revela, mas pode acontecer algo em mim, em si, em nós. Que terá outras leituras, outros pensares, dissensos, conversas a partir da leitura e do pensar de cada um. Deixemos o entre-espaço, o ar, o silêncio aos acontecimentos. Um toque e um gesto de interrupção para parar para pensar, olhar, escutar, sentir, suspender a opinião, a vontade e cultivar a atenção, a delicadeza, a arte do encontro (LARROSA, 2015).

Recebido em: 18/06/2016

Aprovado em: 10/07/2016

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 17 - Número 35 - Ano 2016
revistalinhas@gmail.com